



GT 21. Buscando a vida em paisagens incertas

Coordenador(es):

Federico Neiburg (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Thomas Jacques Cortado (Unicamp)

Sessão 1

Debatedor/a: Thomas Jacques Cortado (Unicamp)

Sessão 2

Debatedor/a: Rodrigo Charafeddine Bulamah (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Sessão 3

Debatedor/a: Federico Neiburg (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Nos últimos anos, a antropologia tem se engajado em uma crítica etnográfica ao conceito de vida, questionando binarismos que opõem vidas biológicas e vidas biográficas, naturais e sociais, os universos da vida e da morte, das vidas humanas e mais-que-humanas. Esses questionamentos ganham urgência diante de processos contemporâneos como a dessalarização do trabalho, a precarização do emprego, a carestia, as crises ambientais, o deslocamento de populações, colocando em jogo os conceitos de sobrevivência e de vida plena, de sorte, destino e força que informam as diferentes formas de se virar na vida. Interessa-nos enriquecer essa crítica de forma comparativa, aproximando contextos globais nos quais pessoas e coletivos buscam suas vidas (se viram, hacen sus vidas, make their living, chache lavi) em quadros de agudas mudanças que embaralham dimensões políticas, econômicas e ambientais. Buscamos assim revisar o próprio conceito de incerteza, retomando questões clássicas como as relações entre estrutura e conjuntura ou entre ordinário e extraordinário. Inspirados pelo tema do congresso, pensando não só saberes, mas também práticas insubmissas, convidamos a refletir de que forma as paisagens incertas envolvem perturbações nas perspectivas temporais, enquanto estados passageiros ou permanentes, compondo espaços de experiência ou horizontes de expectativas, interagindo com as relações entre gerações, mobilizando metáforas e analogias ou produzindo novos conceitos e formas associativas.

Na iminência da catástrofe: o possível rompimento de barragem e a ?lama invisível? de Barão de Cocais (MG)

Autoria: Bianca van Steen Mello Laurino (PPGAS/USP)

Este work tem como objetivo compartilhar algumas reflexões acerca da situação em que se encontra a população de Barão de Cocais (MG), contribuindo para a compreensão de como os moradores deste município têm lidado com a probabilidade de rompimento de uma barragem de rejeitos de mineração, a Sul Superior, controlada pela multinacional Vale S/A. Apesar de a catástrofe ainda não ter se efetivado, sua possibilidade, por si só, já afeta a região em diferentes dimensões, principalmente em relação a aspectos econômicos, espaciais e temporais, bem como a maneira pela qual são percebidos. Estas alterações não só impõem que o cotidiano local se reorganize, na passagem de uma realidade estável para outra instável, como também exige a criação de novas estratégias para viver ? e sobreviver. A tentativa de entender como a vida local tem sido atingida será pensada a partir do contexto trágico de ?desastres? no qual se insere o Brasil, marcado pela recorrência de rompimentos de barragens. Como se não bastasse o episódio de Mariana (MG), em novembro de 2015, o rompimento de Brumadinho (MG), no início de 2019, destacou o Brasil, mais uma vez, como epicentro de crises socioambientais. Evidências demonstram tratar-se de tragédias prenunciadas,



uma vez que se sabia dos riscos de rompimento. Embora parte das consequências provocadas por estes eventos tenha expressão imediata, muitos danos ainda estão sendo sentidos e registrados, material ou imaterialmente. A partir deste quadro, o debate público tomou conhecimento de que diversas outras barragens encontram-se em situação de risco. Por isso, a Vale passou a criar planos de desativação de barragens, principalmente daquelas construídas pelo método de alteamento a montante. Entre elas, encontra-se a barragem da Mina Gongo Soco, localizada em Barão de Cocais. Desde março de 2019, a população deste município vive diante do perigo de possível rompimento. Por conta de movimentações muito acima do esperado em sua estrutura, a Agência Nacional de Mineração interditou a barragem e declarou estado de alerta máximo de risco de acidentes. Há mais de um ano, então, moradores de Barão vivem com a presença do fantasma do rompimento, à espera da tragédia. Com o provável caminho da lama calculado, centenas de pessoas foram compulsoriamente retiradas de suas casas. Nas palavras de uma dessas moradoras, a região já foi atingida pela ?lama invisível?. No interior desta paisagem incerta, percepções sobre medo, espera e a própria noção de incerteza se alteram à medida que o tempo passa. Se por um lado muitas vidas, humanas e não humanas, foram colocadas em suspensão; por outro, a espera de algo que pode nunca vir a acontecer, mas que de certa forma também já aconteceu, embaralha a maneira pela qual passado, presente e futuro são percebidos.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: